

Viajantes da Câmera

A IMAGEM REVISTA

Edição 10 | Ano 3 | Outubro de 2014



Câmera Viajante

15 anos

Viajantes

O primeiro passeio da Escola, em Maquiné

Perfil

O italiano Fabiano Avancini

O PRAZER EM FOTOGRAFAR...



Foto de Karina Kowalski

Autoretrato



Fotógrafa profissional formada pela Câmera Viajante - Escola de Fotografia e Cinema. Sua trajetória na escola iniciou com os cursos Foto Digital 2 e Fotojornalismo em maio de 2009. Trabalhou por dois anos na secretaria do local e foi convidada a ministrar o Curso Básico, o Foto Digital 1.

Está cursando a graduação em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e tem experiência na fotografia de eventos. Suas principais atividades como profissional são aniversários infantis e ensaios femininos.

Quando você começa a aprender fotografia, o seu olhar se torna mais aguçado e sensível. Os lugares do seu cotidiano, as ruas, os bairros, as paisagens urbanas e rurais, a praia, as montanhas e os pormenores da iluminação: os objetos passam a ser vistos e sentidos de formas diferentes. O olhar do fotógrafo começa a nascer e o mundo se torna mais atraente e com significados. Não adianta você possuir câmeras fotográficas caras e poderosas se o seu olhar não está treinado e sensível àquilo que se pode ver, mesmo que seja nas quatro paredes da sala de sua casa - ali existem milhares de imagens possíveis e que também se alteram conforme a variação da iluminação do ambiente. Esse é o olhar atento do fotógrafo.

Ele é um colecionador de imagens e esse é o primeiro prazer em sua relação com a arte fotográfica: apreender pedacinhos do mundo e da vida na câmera fotográfica.

Na medida em que ele se envolve mais com o ato de fotografar e com a busca de uma captura correta e criativa da imagem, torna-se fundamental a aprendizagem das técnicas fotográficas. Assim, o fotógrafo facilita o tratamento das imagens e atinge maior satisfação no ato fotográfico.

Essa satisfação é bem presente quando o fotógrafo percebe que na sua imagem foi atingido o objetivo estético, que ela aconteceu no momento e na forma desejada e quando há o sentimento de que sua fotografia conseguirá comunicar algo para alguém.

Talvez seja esse o segundo prazer de um fotógrafo: compartilhar suas imagens e ser entendido.

Despertar o olhar, promover e compartilhar a experiência gratificante na produção de imagens com a câmera, são os principais objetivos da Câmera Viajante, desde sua criação, em 12 de outubro de 1999.

Viagens, retratos, paisagens, macrofotografia, espetáculos, reportagem e moda e, mais recentemente, o cinema digital, foram os principais temas que desenvolvemos com nossos alunos nesses 15 anos de existência.

O prazer em fotografar vem do prazer em olhar, do prazer em viajar e dessa paixão avassaladora que nos move a disparar o obturador em lugares e momentos inusitados.

Parabéns e obrigado a todos os colaboradores, diretores, alunos e professores que estão e já estiveram conosco, a todos que construíram e constroem diariamente essa maravilhosa escola de fotografia.

Rogério Amaral Ribeiro
Editor

Gerson Turelly
Editor



RAR

9 PERFIL
Fabiano Avancini

23 VIAJANTES DA CÂMERA
O primeiro passeio da escola



RAR



RAR

14 REPORTAGEM ESPECIAL
Os 15 anos da Câmera Viajante

06 Dica do Professor com Fabiano Scholl

20 Clic Legal e a *selfie* da macaca que reacendeu debate sobre direito autoral

23 Viajantes da Câmera no primeiro passeio da escola

30 Intersecções entre fotografia e literatura

33 Análise do Professor

34 Ensaio com imagens de recém-nascidos de Elysée Siqueira

Expediente

Publicação Câmera Viajante - Escola de Fotografia e Cinema

Diretores Gerson Turelly e Rogério Amaral Ribeiro

Redação, diagramação e editoração Fernanda Nascimento - MTB 16317

Revisão Clareana Kunzler Ferreira - MTB 15917

Arte Tiemy Saito

Capa Fabiano Avancini

Periodicidade Trimestral

Edição 10 / Outubro de 2014

Endereço Pinheiro Machado, 259 - Independência - Porto Alegre

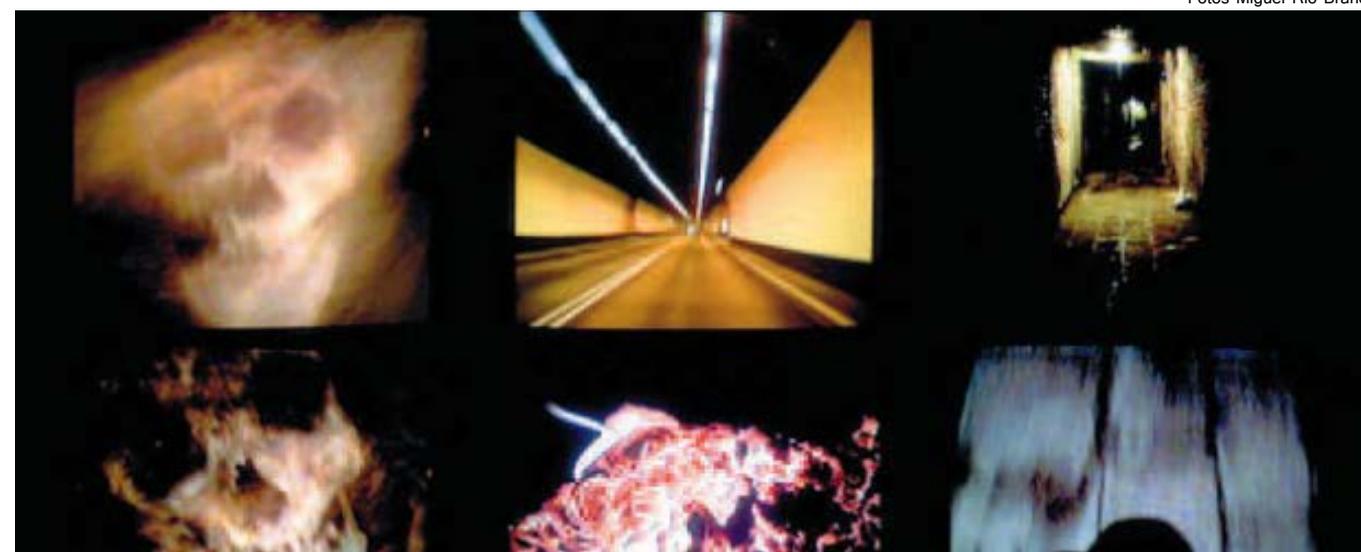
Telefone (51) 30120421

Site www.cameraviajante.com.br

E-mail viajante@cameraviajante.com.br



Fotos Miguel Rio Branco



Documentário Imaginário

Fabiano Scholl*

A fotografia documental tem como proposta narrar uma história por meio de uma sequência de imagens. Ela compõe uma narrativa quando ordena acontecimentos representados e que estão inscritos tanto no tempo quanto no

espaço. Desde os primórdios, esse estilo de fotografia preocupou-se em chamar a atenção de um público para sujeitos em situações específicas, geralmente com a intenção de mudar alguma situação social ou política.

Em meados do século XX a fotografia documental começou a se distanciar mais intensamente do modelo clássico, em parte pela crise das revistas que

veiculavam esses trabalhos e em parte porque os fotógrafos documentaristas começaram a perder o interesse pela tarefa de reformar a sociedade. A partir do pós-guerra, surge uma busca mais intensa por novas formas de representação na fotografia documental. Diane Arbus, William Klein e Robert Frank foram alguns dos fotógrafos que, rompendo a linguagem documental, desencadearam algumas transformações que mudaram o modo de ver e fotografar. Partindo da banalidade do cotidiano, Frank ressaltava essa ausência de significado do objeto ou pessoa fotografados, permitindo ao olhar um leque muito maior de interpretações. Após o trabalho de Frank, a fotografia se distancia daquela herança ideológica de uma suposta objetividade. A fotografia mais linear e de fácil interpretação foi substituída pela polissêmica, com muitos sentidos, e é nessa esteira que surge o Documentário Imaginário.

Gilbert Durand, um dos maiores pensadores sobre o imaginário, o define como o conjunto das imagens e de suas relações e que constitui o capital pensado do homem. É por meio do imaginário que se constrói e se

desenvolve a realidade do homem – e é ali que se encontram e se conservam os sonhos, os desejos, os mitos, as crenças e as subjetividades, e também todas as imagens, textos, ideias, conversas e lembranças que passaram por nossas vidas e também que se estabeleceram para toda a sociedade na qual vivemos.

A recepção de imagens está sempre subordinada ao repertório do observador. Diante de uma foto, cada receptor é induzido a buscar seu próprio modo de interpretação, e é nessa possibilidade, nesse embate entre a imagem e o espectador, que o Documentário Imaginário alcança sua potência máxima. Ao produzir imagens imprevisíveis, situadas no entre-lugar, nessa frágil linha que separa o documento da arte, o fotógrafo documental contemporâneo deixa em aberto um campo enorme de interpretações, sem nenhum tipo de integração totalizante. Os signos libertaram-se de suas âncoras e agora flutuam livremente pelo mundo.

Na contemporaneidade, a preocupação em ser fiel ao visível deixou de ser prioridade. Um fotógrafo que percebeu essa possibilidade e realizou um

grande trabalho, costurando de maneira magistral esses signos alados, foi o brasileiro Miguel Rio Branco. Sua obra estrutura-se na busca, na errância, não há uma linearidade a ser seguida. A intenção estética prevalece sobre a documentação. Dimensões oníricas dão forma a imagens menos presas a seus traços indiciais. Imagens decompostas, com fortes contrastes e cores intensas, aliadas a uma edição muito bem pensada, fazem da obra de Rio Branco um exemplo perfeito e contundente de uma fotografia Documental Imaginária.

Em sua narrativa fotográfica não há leituras definitivas a serem seguidas. É certo que qualquer fotografia, por ser múltipla e variável, permite uma leitura plural que transcende até mesmo o que o fotógrafo viu. Assim, cabe a cada leitor da obra, a partir do seu conhecimento lateral, sua memória e sua experiência, elaborar a própria interpretação. É um processo de reconstrução, labiríntico e totalmente pessoal.

Fotógrafo e professor da Câmera Viajante

“Fotografo para mudar o mundo”, diz Avancini

Profissional italiano divulga trabalho em Porto Alegre

Fotos Fabiano Avancini



Fernanda Nascimento

O italiano Fabiano Avancini é um fotógrafo que acredita no potencial da fotografia para transformar o mundo. Com uma câmera na mão desde os sete anos de idade, quando ganhou o primeiro equipamento, acabou se transformando em fotógrafo profissional. Hoje, ele tem um estúdio fotográfico, trabalhando especialmente com moda, e um trabalho autoral que mostra as mazelas do mundo, com a

perspectiva de mudar a realidade das pessoas.

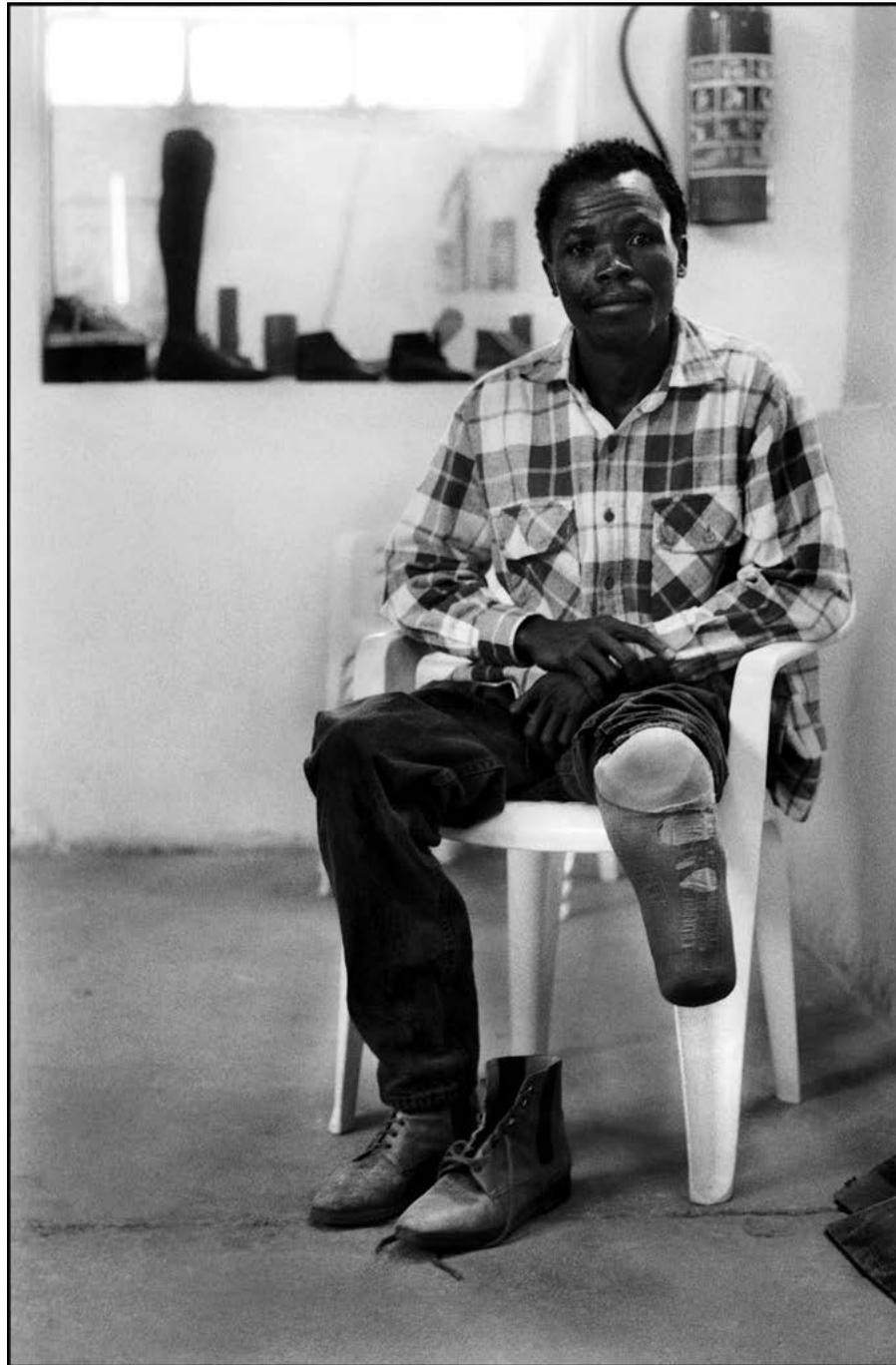
Avancini está no Brasil neste mês de outubro. Ele veio ao País para divulgar a exposição “Esporte para a vida”, no Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo, em Porto Alegre, e ministrar cursos e oficinas na Câmera Viajante. Nascido em Padova, em 1969, Avancini mora atualmente em Vicenza e tem em seu currículo publicações nos jornais *Il Gazzettino*, *Il Corriere della Sera*, *La Gazzetta dello Sport*, *Repubblica*, *Il Giornale*, *la Padania*, *Il Mani-*

festos, l'Unità, Giacomo Foto, Farabola-foto, Ansa e Associated Press. Na fotografia de moda, seu currículo tem trabalhos para as grifes Vogue-Gioiello, Benetton, Hugo Boss, Marzotto Group, Miluna, Zancan, Roberto Coin, Aprila, TelePiù e Vicenza Trade Fair.

Desde 1991 atuando de forma profissional, Avancini diz que nunca se interessou pelo próprio ponto de vista, mas o que os sujeitos têm a dizer, através da imagem. “Eu sou como todo mundo, só que mais preciso: no lugar certo, na hora certa, com as ideias certas”, disse. Para o fotógrafo o grande acontecimento que mudou a sua vida profissional aconteceu em 2010. Ao voltar de uma exposição em Palermo, sobre a lepra (feita na China), ele visitou a mãe e, no meio da noite, uma inundação tomou conta do local. Além dos danos materiais ele perdeu parte da memória da família. “Houve um metro de água na sala de estar. Milhares de euros de danos e todas as fotografias e slides, aproximadamente 20 mil, da minha família na lama. Todos os momentos de memória, vida, passado, destruídos pela água”, conta.

A perda de grande parte das fotografias – restaram cerca de 300 – mudou o olhar de Avancini ao fotografar. “Tu não precisa de tanta fotografia, precisa de uma fotografia. Agora eu fotografo muito menos, só faço fotografia muito importante. Isso é a mensagem mais importante: a fotografia merece respeito. Esse evento me fez pensar: para. Pensa. O que tu vai fazer com essa fotografia, porque vai tirar essa fotografia?”.

De lá para cá, ele tem fotografado menos e refletido mais sobre as imagens. “Não acho que você precisa de um monte de imagens



Fabiano Avancini fotografou angolanos atingidos por explosões de minas

para entender o que fazer, você tem que entender a mensagem. Temos de aprender a ver, para criar consciência crítica e ajudar todos a compreender o mundo através de fotos. Você tem que permitir

os outros a voar. E agora eu olho para o lado positivo da moeda, a força de todos para responder aos desafios da vida, para ser capaz de continuar a sorrir. Não é difícil”, ensina.

Esporte para a vida

A exposição “Esporte para a Vida” foi realizada a partir de imagens feitas por Fabiano Avancini em Angola. Ao perceber um grupo de paraatletas ele se aproximou e resolveu retratar a situação vivida por eles: de muletas jogavam futebol com alegria. No País, há uma estimativa de que 70 mil pessoas já tenham tido um dos membros mutilados, vítimas das minas antipessoais espalhadas pelo território, em decorrência das inúmeras guerras locais. Com o trabalho, Avancini pretende demonstrar que há sempre uma perspectiva positiva por trás das mutilações e auxiliar as pessoas a repensarem a vida, combatendo um grande mal da humanidade: a depressão.

“Fiz a foto porque são atletas, não são deficientes. São atletas. A diferença é um problema de postura. Postura de atleta. Se tu crês que estes são deficientes, tu vais ter um tipo de fotografia. Se tu crês que

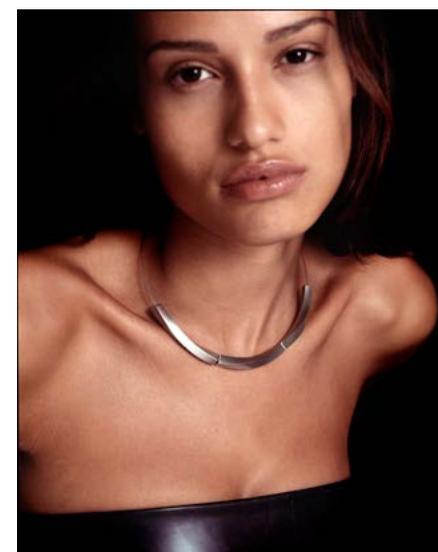


são atletas, é outro tipo de fotografia. É a tua postura que muda a visão das pessoas”, afirma.

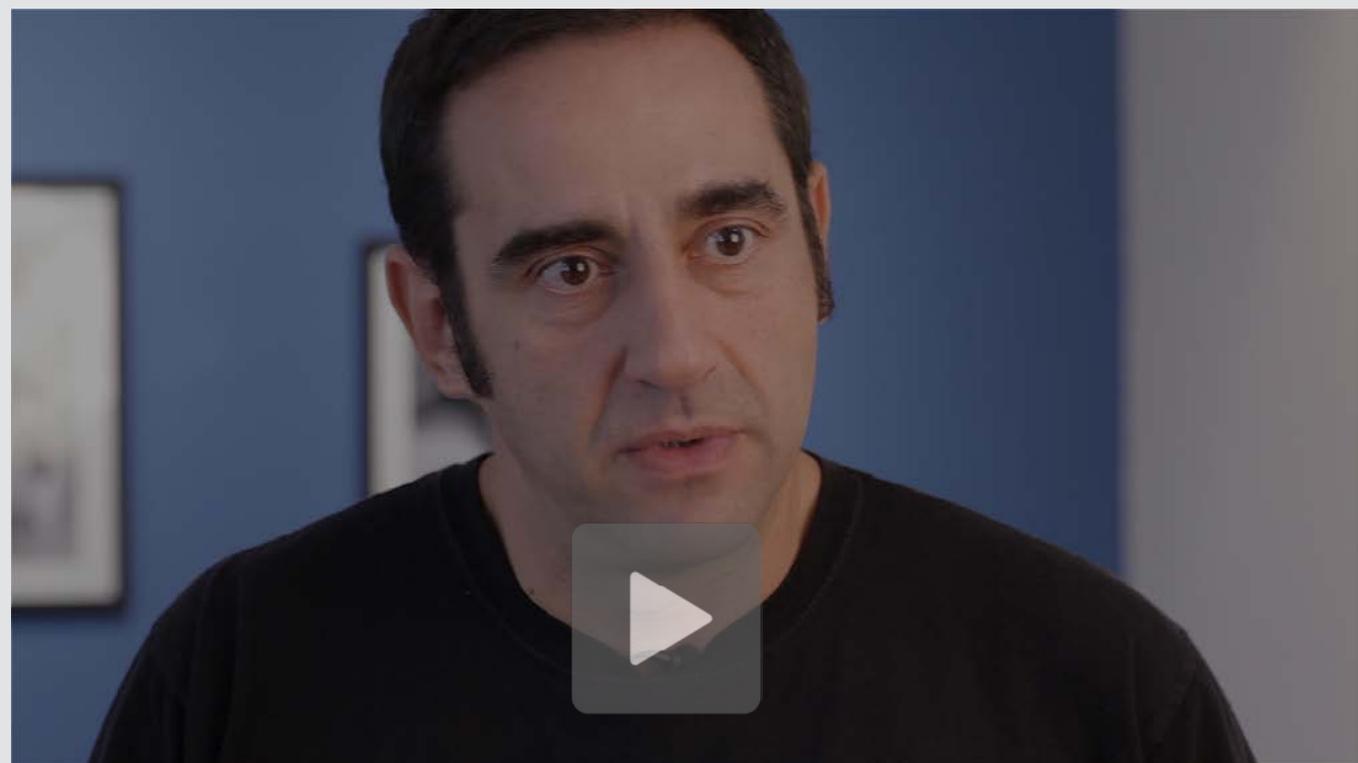
Para Avancini seu trabalho autoral “é um dever” na qual a liberdade para auxiliar a

mudar o mundo é um compromisso. “Eu trabalho no estúdio pela liberdade de fazer fotografia jornalística sem jornal, sem papel, sem jornalista me dizer o que eu tenho que fazer”.





No trabalho de estúdio, Avancini trabalha para diversas grifes como Vogue-Gioiello, Benetton, Hugo Boss, Marzotto Group, Miluna, Zancan, Roberto Coin, Aprila, TelePiù e Vicenza Trade Fair.



15 anos de história

Câmera Viajante comemora aniversário da escola

Fotos RAR



Câmera Viajante iniciou as atividades em 1999, com um passeio para a cidade de Maquiné. A ideia de escola ao ar livre foi inovadora

Fernanda Nascimento

A Câmera Viajante comemora, no próximo dia 12 de outubro, 15 anos de trajetória. Ao longo deste período, mais de 10 mil alunos frequentaram a escola, participando de cursos de fotografia e cinema, passeios fotográficos, exposições e eventos culturais ligados ao mundo da linguagem fotográfica. A primeira escola de fotografia ao ar livre do Sul do País chega ao 15º ano com muito a comemorar e outros tantos projetos pela frente.

A ideia da Câmera Viajante surgiu com o fotógrafo e atual diretor de comunicação da escola Rogério Amaral Ribeiro. Experiente profissional do campo, no início dos anos 1990 Ribeiro começou a despertar seu interesse para o ensino da teoria e prática da fotografia. Os

primeiros alunos foram os estagiários da prefeitura de Porto Alegre – onde o profissional comandava o setor de fotografia. No mesmo período, se tornou um dos professores do curso de fotografia do SENAC. Em 1999, veio o desejo de montar uma escola própria.

“A Câmera Viajante surgiu de uma vontade de dar aulas na rua, sem sede. Seria a primeira escola ao ar livre de fotografia no Sul do País. Haveria sempre um encontro, uma prática e depois uma avaliação destas fotos”, conta Ribeiro. Ao lado de Karla Nyland – outra fundadora da escola – começou a pensar nos objetivos da escola. O nome, Câmera Viajante, surgiu por sugestão de Karla e é inspirado no poema “Câmera Viajante” de Carlos Drummond de Andrade, no livro “Mata Atlântica”.

Câmera Viajante

Que pode a câmara fotográfica?
 Não pode nada.
 Conta só o que viu.
 Não pode mudar o que viu.
 Não tem responsabilidade no que viu.
 A câmara, entretanto,
 Ajuda a ver e rever, a multi-ver
 O real nu, cru, triste, sujo.
 Desvenda, espalha, universaliza.
 A imagem que ela captou e distribui.
 Obriga a sentir,
 A, criticamente, julgar,
 A querer bem ou a protestar,
 A desejar mudança.
 A câmara hoje passeia contigo pela Mata
 Atlântica.
 No que resta - ainda esplendor - da Mata
 Atlântica
 Apesar do declínio histórico, do massacre
 De formas latejantes de viço e beleza.
 Mostra o que ficou e amanhã - quem sabe? -
 acabará
 Na infinita desolação da terra assassinada.
 E pergunta: “Podemos deixar
 Que uma faixa imensa do Brasil se esterilize,
 Vire deserto, ossuário, tumba da natureza?”
 Este livro-câmara é anseio de salvar
 O que ainda pode ser salvo,
 O que precisa ser salvo
 Sem esperar pelo ano 2 mil.

Carlos Drummond de Andrade
 (Mata Atlântica)



RAR

Alunos faziam aulas em um apartamento residencial antes de irem aos passeios. Local também sediava avaliação do trabalho

Como o poema que nomeia o projeto, o primeiro passeio foi para Maquiné, região da Mata Atlântica, no litoral do Estado. O dia, 12 de outubro, aconteceu por acaso. A data do primeiro passeio havia sido remarcada inúmeras vezes em decorrência das chuvas no local e, no primeiro dia com sol, a Câmera Viajante se tornou uma realidade. Como 12 de outubro é dia de Nossa Senhora Aparecida, a santa também se transformou em padroeira da escola (confira fotos do primeiro passeio na página 23).

Um dos integrantes daquela primeira turma de alunos acabou se tornan-

do um dos diretores da escola: Gerson Turelly, então estudante de Administração. “Em 1999, voltei a estudar fotografia. Comprei equipamento e resolvi me dar um tempo para estudar fotografia. Um dos primeiros cursos que fiz foi o passeio com a escola”.

O fotógrafo e publicitário Alberto Meneghetti também integrou os primeiros passeios da escola. “A ideia (dos passeios) me pareceu sensacional, isto é, levar aficionados na arte fotográfica para uma vivência in loco, praticando, aprimorando, trocando experiências, erros e acertos. Tudo em tempo real. Da aula para a prática”, relembra.

Até o ano 2000, a escola continuou sem sede. O espaço utilizado para as aulas de avaliação dos passeios era um apartamento residencial no Centro de Porto Alegre, transformado em estúdio. Em 2001, surgiu uma parceria com a escola de idiomas Yázigi. “Trabalhava fotografando obras de arte para o Yázigi e então o Eduardo Alves, diretor do Yázigi, nos fez o convite para esta parceria. Passamos a utilizar as salas de aula dele para as aulas da Câmera Viajante”, relata Rogério.

Turelly foi o primeiro professor - depois de Rogério - na escola.

“Comecei a trabalhar com o Rogério como uma espécie de monitor e depois acabei dando aulas. A primeira turma foi no Yázigi do bairro Tristeza. As aulas eram com câmeras de película, algo similar com o que temos no curso de Fotografia Digital 2 atual. Fazíamos visitas aos laboratórios e acompanhávamos o processo todo de revelação”, conta Turelly, que já havia concluído a graduação em Administração e passou a trabalhar de forma mais sistemática com fotografia.

Com o tempo, a Câmera Viajante começou a ocupar outras salas de aulas do Yázigi, em bairros diferentes. Em 2004, a escola ganhou a primeira sede própria, na rua Lobo da Costa. “Nesse período, tivemos nosso primeiro sócio, o Igor Sperotto, formalizamos a empresa e alugamos uma casa. Ali foi nossa primeira sede. Continuamos no Yázigi, em várias salas e com novos professores, mas na sede começamos a oferecer cursos de estúdio, como Retrato e Still Life”, conta Ribeiro.

Sperotto relembra o período com ótimas lembranças. Fotógrafo apaixonado pela profissão desde que cursou uma disciplina de fotojornalismo na faculdade de Comunicação Social, em 1991, Sperotto disse que não fez uma decisão por “investir no ramo”, mas que “foi amor à primeira vista”. “Algumas viagens tiveram resultados belíssimos, como a que fizemos para o Vale dos Vinhedos, que resultou em um sarau de fotografia e vinhos, além de uma exposição na Casa Valduga, em Bento Gonçalves. Teve também uma viagem incrível para Antônio Prado e outra para Três Coroas. Mas o que mais marcou daquele período foi o contato com os alunos. Os cursos básicos eram os



Felipe Nyland

Casa na rua Pinheiro Machado é sede da escola há três anos e recebe diversos cursos



- Surge a Câmera Viajante, primeira escola de fotografia ao ar livre do Sul.
- Primeiro passeio para Maquiné

1999



- Escola começa a contar com mais professores e mais salas de aula

2003



- Início dos cursos de photoshop
- Realização do Fórum Interloquções do Imaginário

2007



- Passeio fotográfico para o Uruguay Oriental
- Início do curso de Fotografia Profissional

2011



- Passeios para Itaimbezinho

2001



- Saídas para o Vale dos Vinhedos

2005



- Concurso Fotográfico Aniversário de Porto Alegre em parceria com Fnac
- Criação do curso de Cinema

2009



- Primeira viagem para outro Continente, no Leste Europeu

2013



- Passeios para Itapuã

2002



- Sede na 24 de outubro
- Cursos na Estação Monte Alegre e Rincão Gaia

2006



- Passeio internacional para o Império Inca
- Criação do FotoAgosto

2010



- Início do curso básico de fotografia.
- Parceria com Yázigi.

2000



- Sede na Lobo da Costa
- Início dos cursos de estúdio
- Saídas noturnas em Porto Alegre

2004



- Primeiro passeio em outro estado: Minas Gerais
- Oficina com Walter Firmo

2008



- Sede na rua Pinheiro Machado
- Passeios fotográficos para Cuba e Argentina

2012



- 15 anos da escola

2014

meus preferidos, pela oportunidade de despertar nas pessoas a paixão pela fotografia”.

Em 2004, a escola passou a oferecer cursos simultâneos de fotografia analógica e digital. Em final de 2005, a escola passou a ter como sede um espaço na rua 24 de Outubro, onde permaneceu até 2012. Neste período,

a Câmera Viajante se expandiu, ampliou o número de passeios, que começaram a ser realizados para outros lugares do Brasil e do mundo, como Cuba, Peru e o Leste Europeu, e a oferecer vários cursos e, entre eles, o Curso de Fotografia Profissional.

“Começamos a oferecer cursos diferentes, começamos

a investir em propostas mais específicas”, relata Turelly. A escola também passou a contar com curso de cinema e a investir em parcerias para exposições, além de se tornar promotora – em parceria com a Fnac

– do Concurso Fotográfico Aniversário de Porto Alegre.

Em 2012, a escola chegou a sua atual sede, na rua Pinheiro Machado. Hoje, o local abriga dezenas de cursos, oferece passeios fotográficos

para vários locais, além da possibilidade de realizar aulas práticas na Estação Monte Alegre. A escola planeja um futuro de oportunidades ainda maior para receber antigos e novos Viajantes da Câmera.

O sorriso da macaca

A selfie que levantou o debate sobre direitos autorais

Fotos Fundação Wikipedia/ David Slater

Eduardo Scaravaglione*

A notícia da “selfie” de uma macaca correu o mundo, em agosto. Pelas centenas de notícias publicadas, ao que parece, a foto teria sido feita em 2011 em um Parque Nacional na Ilha de Sulawesi, na Indonésia. Segundo as notícias, o fotógrafo David Slater, especialista em vida selvagem e proprietário do equipamento fotográfico, ficou três dias no meio da selva para tentar fotografar os macacos da espécie Nigra. Ao perceber a chegada e curiosidade de um grupo de macacos, acabou conquistando a confiança dos mesmos. Com a curiosidade e interação com os animais, o fotógrafo regulou o equipamento e deu o cabo que dispara o botão para uma macaca apertar. E ao que parece, pelo sorriso da macaca, atingiu o seu objetivo. Foram várias fotos, mas uma é que ficou mundialmente famosa conhecida como a “selfie da macaca”. Segundo narrou o fotógrafo, o “sorriso” da macaca é uma expressão comportamental daquela espécie que, quando vê um semelhante, mostra os dentes.

Bom, primeiro temos que reconhecer que além da polêmica jurídica sobre a questão da autoria e dos direitos sobre a fotografia, que deu “pano pra manga”, a “selfie” ficou muito boa.

A polêmica toda sobre a notícia está no fato de que o fotógrafo reivindica a propriedade da fotografia publicada como sendo de domínio público na Fundação Wikimedia, responsável pela gestão da Wikipédia. Li recentemente, que o “Copyright Office”, que seria o órgão que regula e registra os direitos autorais nos



EUA, teria determinado que a foto tirada pela macaca efetivamente é de domínio público.

Existem diferenças nos sistemas que regulam o direito de autor no mundo. Um é o “Copyright” e o outro é o “Direito do Autor”. De um lado, tem-se um direito à cópia (copyright), sistema que prioriza os chamados direitos patrimoniais de autor, ficando em segundo plano (ou mesmo inexistentes) os direitos morais; do outro, um direito de autor (droit d’auteur), sistema que prioriza não só os direitos patrimoniais, mas principalmente os direitos morais do autor, entre eles o de ter seu nome sempre vinculado à obra, mesmo vendida. O sistema brasileiro adota o “Direito de Autor”, originário do sistema francês. Nesse sistema, temos a divisão do direito de autor em direitos morais e direitos patrimoniais.

Pela nossa legislação (Lei dos Direitos Autorais), são consideradas obras protegidas as “obras intelectuais” e as “criações do espírito”. Ou seja, fica claro que somente o homem pode “criar” e jamais, um animal poderia ser titular tanto de direitos morais como patrimoniais. Ainda, a mesma Lei, em seu artigo 11º, é clara ao definir o autor como “pessoa física criadora da obra literária, artística ou científica” – só o ser humano pode criar uma obra intelectual. A macaca, então, jamais poderá ser considerada a titular de direitos autorais. Mas e o fotógrafo, como fica?

Acredito que os direitos deveriam ser creditados ao fotógrafo David Slater. Apesar das respeitáveis opiniões contrárias, todo o esforço para que a fotografia fosse concebida – desde

a viagem até a interação com os macacos e a regulação do equipamento, foram feitos única e exclusivamente pelo fotógrafo. Estariam, nesse esforço, um percentual do que a Lei chama “obras intelectuais” e “criações do espírito”? Avalio que sim.

Ainda, pela Lei dos Direitos Autorais, pertencem ao autor os direitos morais e patrimoniais sobre a obra que criou. O que o fotógrafo criou? Todo um projeto de fotografar esses animais que estão ameaçados de extinção. Viajou, permaneceu três dias na mata, conquistou a confiança dos animais, regulou o equipamento e, ainda, deu o cabo disparador a uma macaca. Provavelmente, depois de tudo isso, ainda deve ter tratado a foto e feito o “upload” para o seu site, etc. Ou seja, toda a produção, criatividade e a realização da ideia inicial, que acabou materializada na fotografia, foram dele. A macaca apenas emprestou o seu “sorriso” e teve os seus gloriosos minutos de fama. Ainda, é bom salientar que o fotógrafo fez uma parceria com uma agência alemã. Qualquer um pode encomendar uma tela com a “selfie” da macaca. É só pagar o valor da postagem e mais o equivalente a dois reais. O dinheiro arrecadado vai para o projeto de preservação dos macacos Nigra, da Indonésia. Está aí uma boa causa!

*Advogado da Sensus Consultoria Jurídica e palestrante da Escola de Fotografia e Imagem Câmera Viajante

 **sensus**
CONSULTORIA JURÍDICA

Lúdicas *Luzes* Noturnas

Prática fotográfica noturna

Inicia dia 21/10

Foto: Paulo Capelari



Maquiné: o início da viagem

Imagens dos primeiros Viajantes da Câmera em 1999

Em 1999, no dia 12 de outubro, a Câmera Viajante deu início a sua trajetória como escola de fotografia e cinema. Naquela data, 13 viajantes foram para Maquiné, no litoral gaúcho, fotografar a exuberante Mata Atlântica da região.

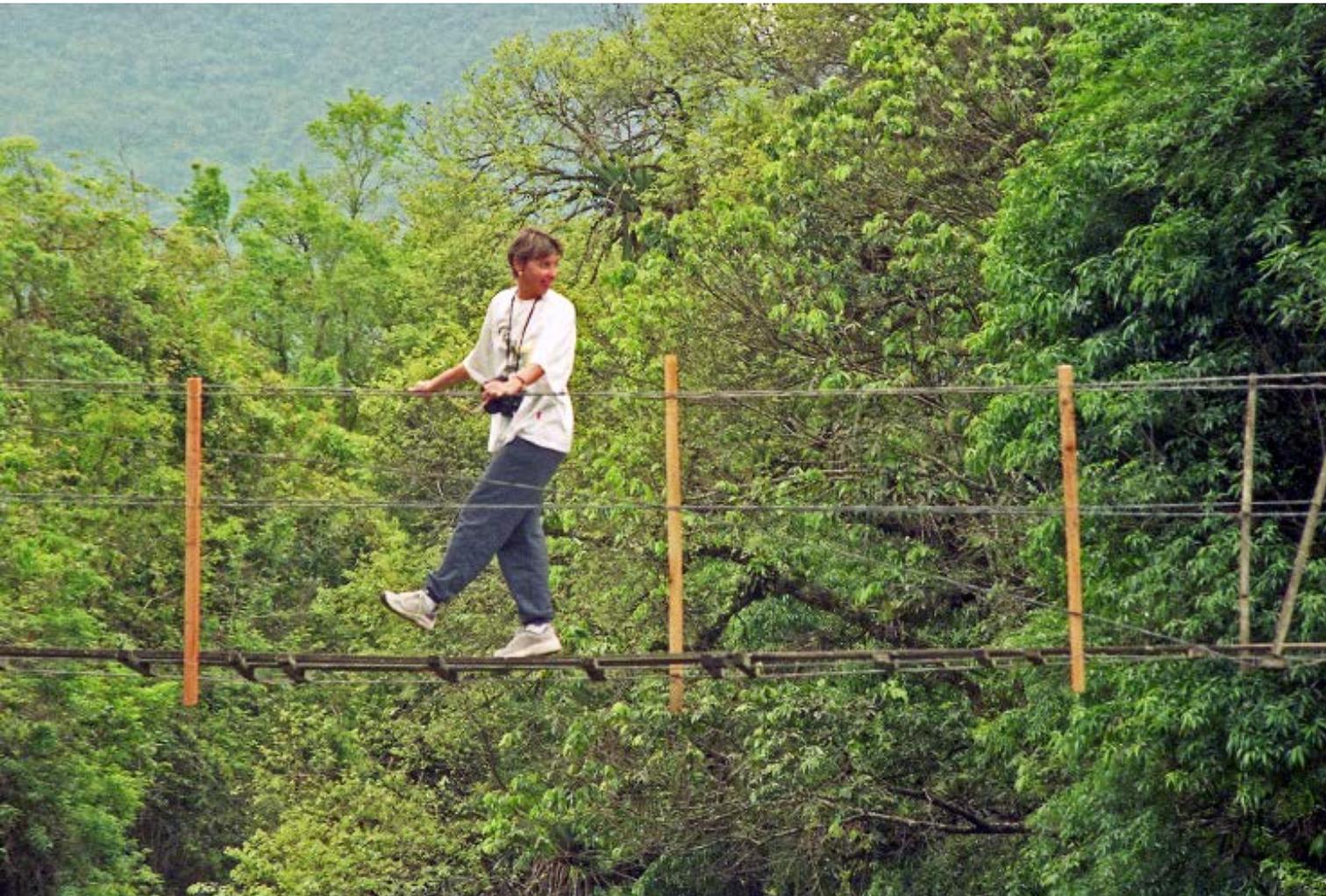
Ainda em câmera analógica, as imagens mostram os primeiros passos da escola que se consolidaria como espaço de ensino e aprendizagem do fazer fotográfico. Confira os bastidores nas próximas páginas.

Informações:
(51) 3012-0421 / 3061-2898 / 8460-0352
viajante@cameraviajante.com.br
www.cameraviajante.com.br



Passeio foi adiado três vezes em decorrência das chuvas. No dia 12 de outubro, de Nossa Senhora Aparecida, finalmente o tempo ficou estável.





COMPOSIÇÃO FOTOGRAFICA

Início dia 11/11

Foto: Lisandre Rockembach

Informações:
[51] 3012-0421 / 3061-2898 / 8460-0352
viajante@cameraviojante.com.br
www.cameraviojante.com.br

Fotografia e literatura

As intersecções entre duas artes fascinantes

Dida Moraes*

Minha trajetória na fotografia começou cedo. Meu pai trabalhava em um laboratório de revelação fotográfica e me incentivou com minha primeira máquina analógica para a fotografia amadora. Na época, com 13 anos, minha diversão era fazer fotografias em P&B.

Com o tempo, trilhei novos rumos profissionais, mas a fotografia sempre esteve presente. Como professora de Inglês em uma escola particular de Porto Alegre tive a ideia de inovar os projetos. Os alunos faziam vídeos em inglês num estilo "Jamie Oliver", onde eles apresentavam vocabulário, a sequência de preparo dos alimentos e a apresentação final. A ideia era ótima e vi que precisava de suporte técnico para a fotografia. Como eu poderia ensinar algo que não fosse apenas intuitivo? Decidi me matricular na escola de fotografia da Câmera Viajante. Só não imaginava que essa escolha mudaria minha vida profissional e de estudante. O modo como os professores conduziram as aulas, mostrando-se apaixonadíssimos pela fotografia, e o modo paciente com que ensinam técnicas - que fazem toda a diferença na execução da imagem - promoveu uma revolução na minha vida.

O curso de Fotografia Profissional daquele janeiro fez com que eu saísse da sala de aula de língua inglesa e mergulhasse minha pesquisa de mestrado nas intersecções da fotografia na literatura.

Durante o curso busquei, primeiramente, momentos em que havia a menção da fotografia no texto. A partir dessa pesquisa, passei para obras onde encontramos fotografia e texto literário e suas relações - "Satolep" do Vitor Ramiel, "Pintor de Retratos" do Assis Brasil, "Um Diário Russo" do John Steinbeck - e aprofundei essas conexões com duas obras: "Os Emigrantes", de Sebald, e "Istambul", de Orhan Pamuk. Nesse último, a curiosi-

Videoclip "Absolute Beginners" de David Bowie



Videoclip "Absolute Beginners" e utilização da regra dos terços

dade sobre a escolha das imagens após a obra concluída motivou minha busca sobre o encantamento que a fotografia provoca. Pesquisei sobre Sequência de Fibonacci e Proporção Áurea na fotografia e sua aplicação nas imagens (grande parte delas são do fotógrafo Ara Güler) e trazendo exemplos em outras artes, como no cinema através do longa Sangue Negro, e outros inúmeros exemplos na pintura e arquitetura também.

A intrigante relação do escritor e do fotógrafo, escrita e imagem transmitem a sensação de acolhimento e pertença: lugares para não apenas serem visitados, mas habitados. O texto associado à fotografia passa a ter novo sentido: o escritor Pamuk e o fotógrafo Ara Güler, filhos da mesma Istambul, mostram, a sua maneira, a conexão com suas raízes, essas fortemente emaranhadas nesta intersecção de texto e imagem.

Ao iniciar a pesquisa dessas relações dentro da literatura comparada, queria saber sobre o processo de escrita e sobre o hibridismo da arte fotográfica com a arte literária de um modo mais amplo. A delimitação trouxe descobertas importantes e outros questionamentos surgiram como, por exemplo, o olhar de um escritor que também fotografa, ou o de um fotógrafo que escreve.

Hoje, sigo na fotografia como fotógrafa de eventos e produtos e nem penso em parar por aí - estou em franca preparação para aprofundar meus estudos no doutorado.

*Fotógrafa e mestranda em Literatura

Orhan Pamuk

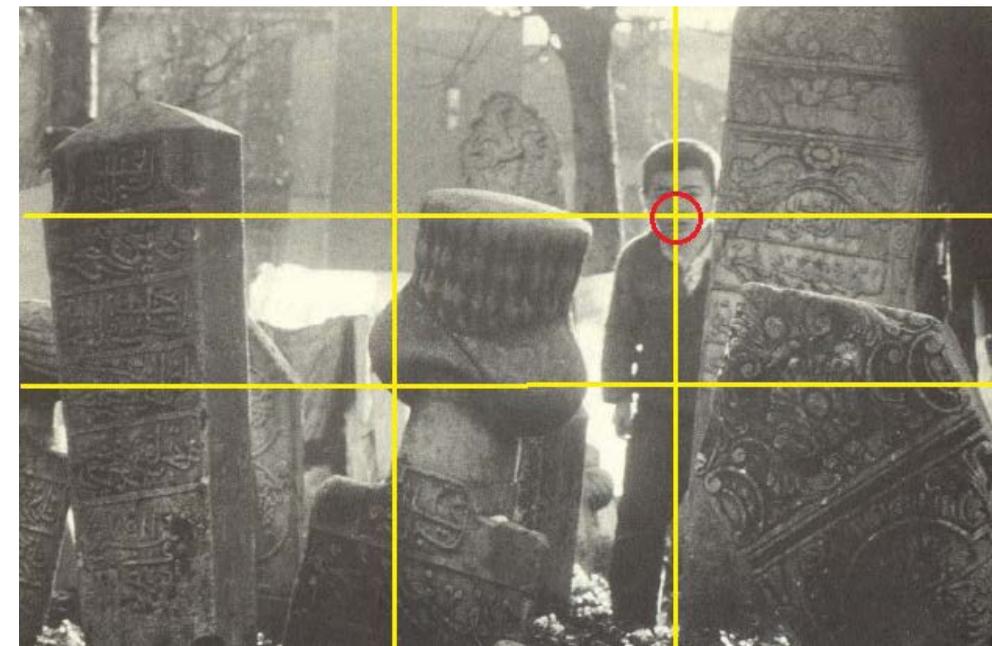
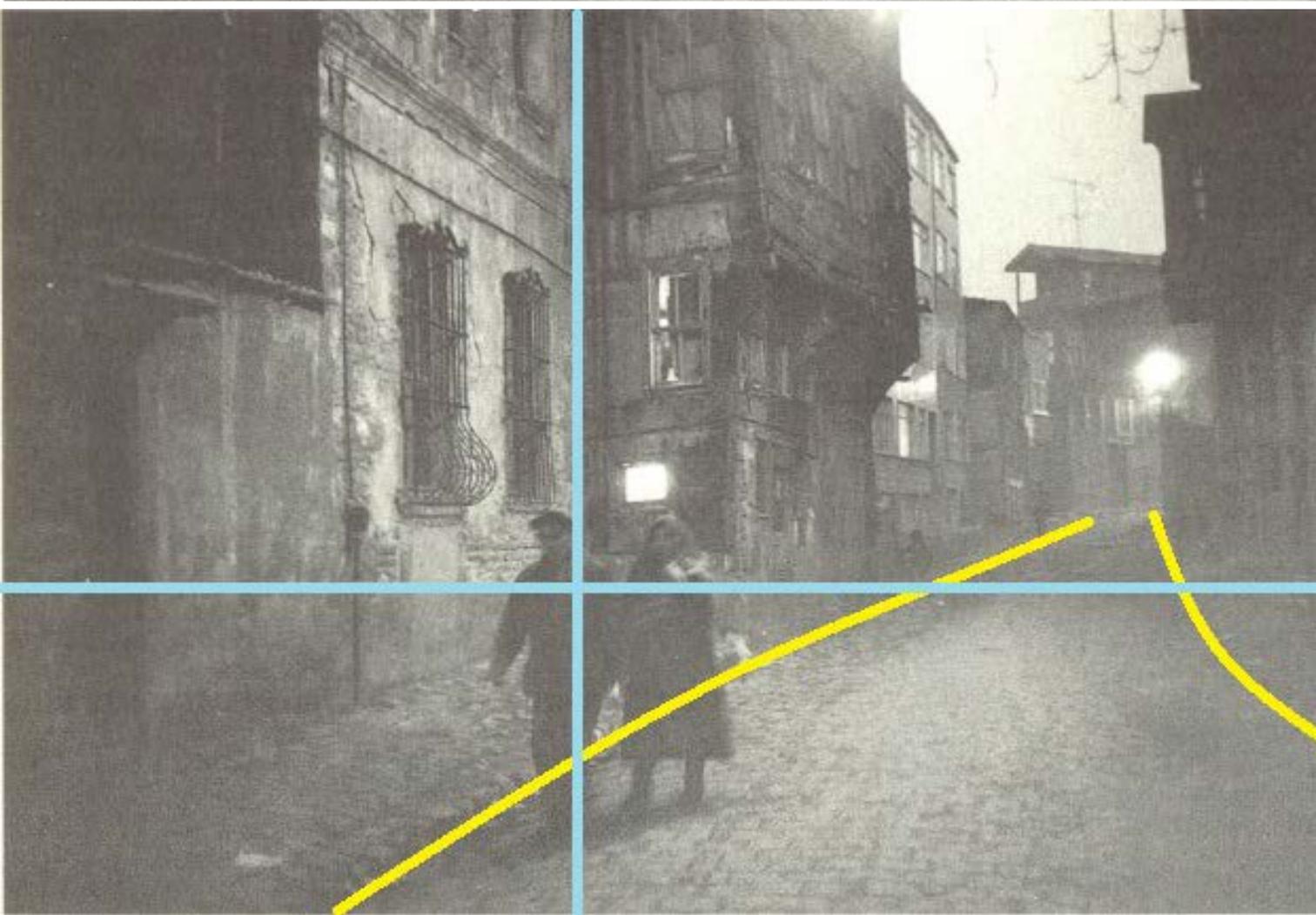


Imagem do livro Istambul, de Orhan Pamuk. Fotografia de Ara Güler e presença do elemento humano em um dos "pontos áureos" cativando o olhar do espectador. Aplicação da regra dos terços (acima).

Celebrando a natureza



Karina Kowaski*

Essa é a belíssima fotografia da aluna Denise Bervig, capturada em um fim de tarde durante a aula prática do curso Foto Digital 1.

Fotografando com uma Nikon Coolpix P510, Denise utilizou como técnicas da câmera: o modo P, com sensibilidade ISO 100 e balanço de branco em nublado. A composição, que é tão importante quanto a técnica, está muito bem elaborada,

pois pegou um momento bastante espontâneo de um moço dançando à beira do Guaíba. A linha do horizonte está deslocada para o terço inferior do quadro, para dar mais destaque as águas e ênfase à personagem. O tom, mais alaranjado, se deve ao balanço de branco nublado, escolhido propositalmente para proporcionar tons mais quentes à cena. A personagem está em silhueta, deslocada levemente para a direita para dar movimento à ima-

gem, com a luz do sol refletindo suavemente sobre as águas. Enfim... uma cena brilhante de um fim de tarde, com toda a singeleza e leveza de um ser humano celebrando a natureza.

Uma comemoração à vida!

Parabéns à querida Denise Bervig por conseguir capturar uma cena para encher nossos corações de inspirações.

***Fotógrafa e professora da Câmera Viajante**

Recém-nascidos em foco

Fotos Elysée Siqueira



“Fotografar bebês exige cuidados, segurança e conforto. Não basta ser fotógrafo, você deve ter conhecimento sobre recém-nascidos”, diz Elysée

A jornalista e fotógrafa Elysée Siqueira é especialista em fotografia de gestantes, partos, recém-nascidos, lifestyle e bebês. Com o plano de montar um estúdio fotográfico, Elysée tem realizado seu trabalho através de visitas nas residências – o que dá conforto e praticidade para as famílias – e aperfeiçoado a prática através de especializações no mundo da maternidade, em especial os bebês. Cursos e workshops em hospitais fazem parte de sua rotina.

Conforme a profissional, “fotografar bebês exige cuidados, segurança e conforto, não basta ser fotógrafo, você deve primeiramente ter profundo conhecimento sobre re-

cém-nascidos, características, fisiologia, psicologia, pesquisar e ler muito sobre este universo é essencial”. Ela explica ainda que é preciso manter condições ambientais e higiênicas adequadas para atender aos pequenos e apostar em um trabalho sem flash e com luz natural e contínua.

Sua inspiração para o trabalho é Simone Silvério, especialista em fotografia de recém-nascidos. “Não existe receita para a felicidade profissional, procure fazer o que te emociona. Fotografar bebês me emociona, então me realizo a cada cliente que me procura confiando em meu trabalho para registrar o momento mais especial da vida deles”, resume Elysée.

OUTUBRO

A partir de

- 20** Lightroom
Com Fabiano Scholl
- 21** Lúdicas Luzes
Com Edgar Neumann
- 21** GoPro
Com Felipe Nyland
- 21** Photoshop
Com Edgar Neumann
- 22** Estúdio Fotográfico
Com Rogério Amaral Ribeiro

NOVEMBRO

A partir de

- 11** Composição Fotográfica
Com Vera Carlotto
- 17** Lightroom
Com Fabiano School
- 17** Impressões & Fineart
Com Luis Fernando Taboada
- 17** Retratos com Flash de Estúdio
Com Rogério Amaral Ribeiro
- 17** Diagramação de Álbuns com Indesign
Com Lolita Magni
- 18** GoPro
Com Felipe Nyland
- 18** Photoshop
Com Edgar Neumann

25/11 Sarau de Fotografia da Fnac
Com Rogério Amaral Ribeiro

Mensalmente

Fotografia

Fotografia Digital 1, 2 e 3 - Turmas
manhã, tarde, noite, sábados e
intensivo

Turismo Fotográfico

23/11

Passeio em Maquiné e
Santo Antônio da Patrulha

Nina Muccillo



“Retratos,
autorretratos
e selfies”

Sabrina Dziedzinski



Informações e inscrições www.cameraviajante.com.br



Produtos do oriente, cultura e arte.

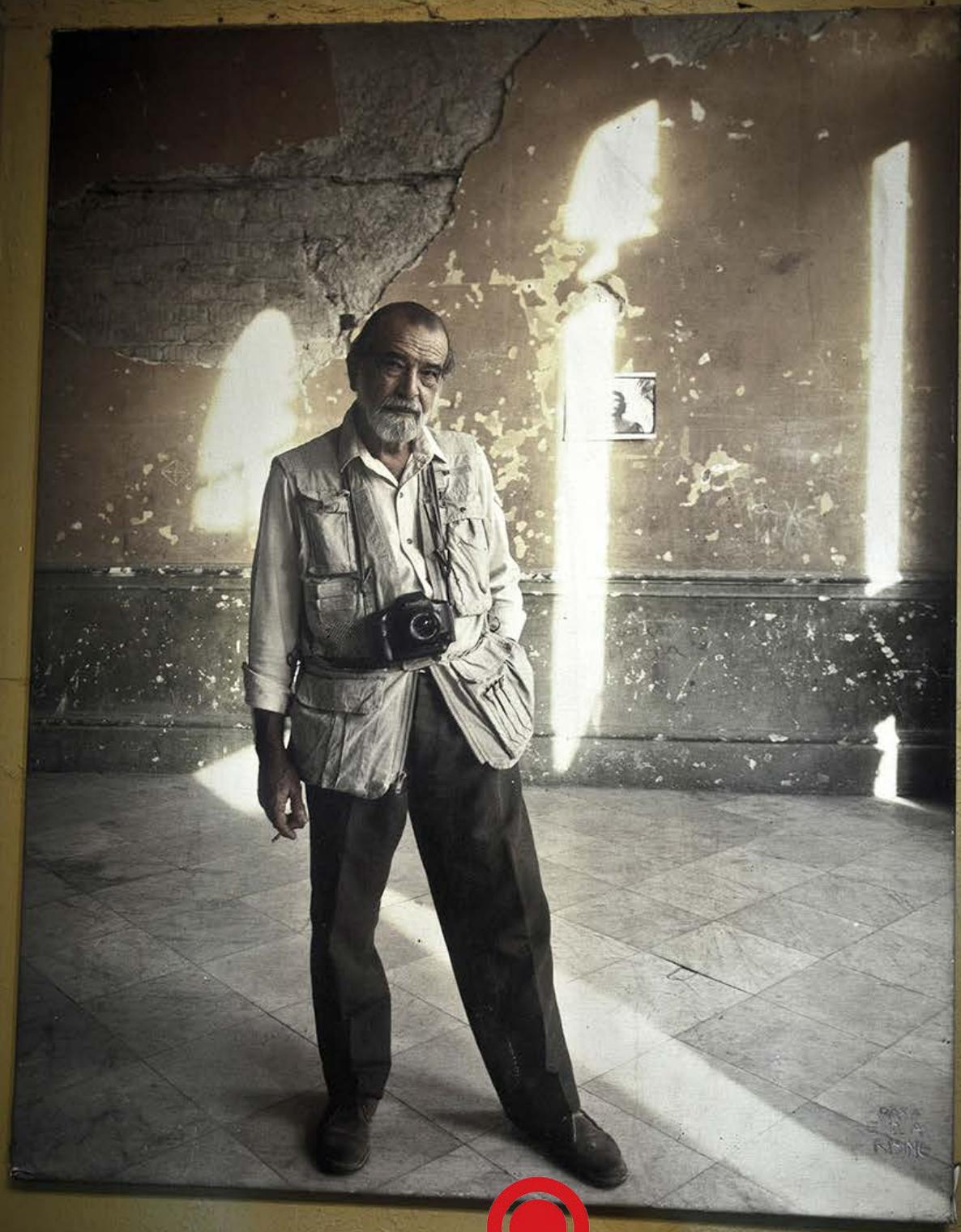
Decoração de interiores · Loja de acessórios

Av. Independência, 1004 | 051 3311-5410 | <http://www.taiart.com.br/>



PALCO
estúdio de moda

Rua da República, 33 - Potro Alegre | 051 3062-4230



**câmera
viajante**

escola de imagem

15 anos